

Estudo da FGV desmistifica "efeito preguiça" do Bolsa Família

(Não Assinado)

Segundo professor, a pesquisa mostra o contrário, que com o programa o beneficiário trabalha mais

03.04.2007 - 12:17

Pesquisa que a Fundação Getúlio Vargas apresenta hoje desmistifica, em parte, o “efeito preguiça”, uma das principais críticas ao programa Bolsa Família. O estudo, chamado “Equidade e Eficiência da Educação: Motivações e Metas”, foi feito a partir de microdados do IBGE.

Segundo o chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV, Marcelo Neri, a pesquisa mostra que o Bolsa Família “impacta pouco” sobre o trabalho em geral e sobre o trabalho infantil de maneira particular.

“Há os que criticam o programa por ele, teoricamente, provocar o chamado efeito preguiça: a pessoa recebe os recursos do programa e não vai trabalhar. A pesquisa mostra exatamente o contrário. Essas pessoas trabalham ainda mais. Pelos dados da PNDA (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), aumentou o trabalho infantil no Brasil entre 2004 e 2005”, diz Neri.

Na avaliação do economista, no entanto, é preciso analisar esses indicadores de forma mais cuidadosa, “até porque este aumento pode está refletindo as condições melhores do mercado de trabalho que vêm se verificando nos últimos dois anos”.

“A verdade é que os dados não nos permitem rejeitar a hipótese de que o Bolsa Família não esteja diminuindo e, talvez, até aumentando o trabalho infantil. É um resultado até certo ponto surpreendente. É preciso olhar esta constatação com uma certa cautela. Quando a gente faz um experimento, comparando pessoas em igualdade de condições, com e sem o Bolsa Família, a propensão ao trabalho desse adolescente é maior com o Bolsa Família”, explica.

O estudo indica que o número de matrículas na faixa etária de sete a 15 anos (exatamente a que é beneficiada pela condicionalidade do programa), o índice de matrícula é três pontos percentuais superior à faixa que vai até os 17 anos.

“Não é um efeito muito grande, uma alteração de 92% para 95%. Ou seja, a evasão escolar cai de 8% para 5%. Neste sentido o Bolsa Família chove um pouco no molhado”, avalia Neri.

Para ele a influência maior é na redução do número de faltas às aulas. Nesse caso há uma mudança substancial entre os pobres com e sem bolsa. “O índice de faltas por aluno cai de 32% para 29% - acima dos 15% permitidos. Aí há um efeito mais importante: são três pontos de porcentagem, que na verdade correspondem a uma mudança de 10% sobre a base”.

Com Agência Brasil

/td>